



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UNB
FACULDADE EDUCAÇÃO- FE

IRIANE MARQUES FERNANDES

O EFEITO DO ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Brasília- DF

2022

IRIANE MARQUES FERNANDES

O EFEITO DO ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Liège Gemelli Kuchenbecker.

Brasília- DF

2022



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE APROVAÇÃO

Título: O EFEITO DO ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

BANCA EXAMINADORA

Profa. Liège Gemelli Kuchenbecker (TEF/FE/UnB) - (Orientadora)

Profa. Prof^a. Ms. Márcia Francisca Diogo Rodrigues – (Membro Titular)

Profa. Prof^a. Ms. Valícia Ferreira Gomes (TEF/FE/UnB) - (Membro Titular)

Prof. Juarez José Tuchinski dos Anjos (TEF/FE/UnB) - (Suplente)

Além de dedicar este trabalho ao meu Deus por sua infinita bondade e aos meus pais pelo companheirismo e dedicação, não deixo de dedicá-lo a mim. Por todas as vezes que pensei em desistir e continuei, mesmo durante os momentos de dificuldades, tive perseverança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado e guiado até aqui. Por ter me consolado todas as vezes em que eu me sentia incapaz e por ter me capacitado diante das dificuldades encontradas durante toda minha jornada na Faculdade de Educação- FE.

Agradeço aos meus pais por toda dedicação, incentivo, carinho e compreensão. Agradeço por acreditarem na minha capacidade quando eu não enxergava meu potencial e por me proporcionarem condições favoráveis para que eu pudesse concluir a Graduação.

A minha irmã Dayairislana, por sempre estar ao meu lado, sendo meu braço direito e confidente durante a Faculdade e na vida.

Agradeço a todos meus professores da escola CED Carlos Mota, em especial a professora Ângela Maria e Antônio Jorge que sempre me incentivaram, conversaram e me apoiaram nas minhas escolhas diárias.

Aos meus companheiros de capoeira Aristides Melo e Joelson Pacheco por me auxiliar nas atividades e por me ensinar. São exemplos de profissionais e amigos que levarei comigo sempre.

A família Marçal por todas as vezes em que me ajudaram na condução quando tive aulas durante o período noturno e por me incentivar todos os dias.

As minhas amigas da Faculdade, Ana Paula Monteiro, Ana Paula Lima, Fernanda Pires, Natalia Ferreira, Stela Ramos, Rebeca Pereira, Morgana e Ketlen Jully pelo companheirismo, amizade e motivação. Aos professores da Faculdade de Educação pelos ensinamentos e apoios diários.

Agradeço à minha orientadora Liège Gemelli Kuchenbecker a quem tenho grande admiração por ser uma profissional dedicada e honrosa. Agradeço pelas conversas, pelo incentivo e pelo compromisso. Agradeço por contribuir de forma constante à minha formação.

Agradeço às professoras da banca examinadora, Márcia Francisca Diogo Rodrigues e Valícia Ferreira Gomes por participar ativamente do meu processo de aprendizado e por terem aceitado o convite de participar deste momento tão importante.

A todos aqueles que de alguma forma me auxiliaram, orientaram e incentivaram nesse percurso.

Apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações.

(SACKS, 2010, p.19).

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APADA	Associação de pais e Amigos dos Deficientes Auditivos
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEALE	Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita
CNE	Conselho Nacional de Educação
DF	Distrito Federal
EaD	Ensino à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FE	Faculdade de Educação
GETEB	Grupo de Estudos em Teoria do Estado
LDB	Legislação de Diretrizes e Bases da Educação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEEDF	Secretaria de Educação do Distrito Federal
SEB	Sistema Educacional Brasileiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UnB	Universidade de Brasília

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como proposição compreender os efeitos do ensino remoto na educação de surdos. Em contrapartida, o trabalho foi realizado a partir de observações de aulas ministradas por uma professora regente e uma intérprete de LIBRAS, em uma instituição pública do Distrito Federal- DF. Tem como problema de pesquisa, “Quais os efeitos do ensino remoto na educação de surdos?” A princípio, serão abordados dados observados de forma presencial em uma escola pública, no que implica a educação de surdos, e será feito uma comparação (*na mesma instituição*) de como tem se dado o ensino remoto de crianças surdas. Além disso, serão utilizados o Projeto Político Pedagógico da instituição, dissertações voltadas para o tema e documentos que embasam a educação de surdos. Tem como objetivo geral, compreender os impactos que o ensino remoto causou na educação de surdos durante o processo de isolamento social, devido ao vírus da COVID-19. Tem como objetivos específicos: 1- Analisar os efeitos que surgiram na educação de surdos com a medida de aulas remotas; 2- Compreender as dificuldades presentes para estes estudantes; 3- Apresentar de forma sucinta o relatório de estágio supervisionado feito em uma escola pública; 4 - Refletir sobre as estratégias de ensino e meios que aumentem e que possibilitem uma educação do sujeito surdo de qualidade durante o ensino remoto. Como resultado, uma pequena contribuição para a reflexão de medidas cabíveis para o ensino e aprendizagem de crianças surdas e profissionais da comunidade escolar que trabalham com estudantes surdos.

Palavras-chave: educação de surdos; pandemia; estratégias de ensino.

RESUMEN

Este trabajo monográfico pretende comprender los efectos de la enseñanza a distancia en la educación de sordos. Por otro lado, el trabajo se realizó a partir de observaciones de clases impartidas por un maestro regente y un intérprete de LIBRAS, en una institución pública del Distrito Federal-DF. Su problema de investigación es, “¿Cuáles son los efectos de la enseñanza a distancia en la educación de los sordos?” En un primer momento, se abordarán datos observados presencialmente en un colegio público, lo que implica la educación de sordos, y se realizará una comparación (en la misma institución) de cómo se ha dado la enseñanza a distancia de los niños sordos. Además, se utilizará el Proyecto Político Pedagógico de la institución, disertaciones enfocadas en el tema y documentos que sustenten la educación de los sordos a causa del virus COVID-19. Sus objetivos específicos son: 1- Analizar en detalle los efectos que surgieron en la educación de sordos con la medición de clases a distancia; 2 - Presentar brevemente el informe de prácticas supervisadas realizado en una escuela pública; 3- Presentar brevemente el informe de prácticas supervisadas realizado en una escuela pública; 4 - Reflexionar sobre estrategias y medios didácticos que incrementen y posibiliten una educación de calidad del sujeto sordo durante la enseñanza a distancia. Como resultado, una pequeña contribución a la reflexión de las medidas adecuadas para la enseñanza y el aprendizaje de los profesionales de la comunidad escolar que trabajan con alumnos sordos.

Palabras clave: educación de sordos; pandemia; estrategias de enseñanza.

SUMÁRIO

PARTE I	11
MEMORIAL EDUCATIVO	12
PARTE II	15
1 INTRODUÇÃO	16
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	18
1.2 OBJETIVOS	18
1.3 METODOLOGIA	19
CAPÍTULO I	20
1.1 Surdez: O sujeito surdo e a Pandemia	20
1.2 Flexibilização no ensino remoto com estudantes surdos	22
CAPÍTULO II	23
2.1 A importância da formação continuada de professores	23
CAPÍTULO III	26
3.1 O efeito do ensino remoto na educação de surdos	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
PERSPECTIVAS FUTURAS PROFISSIONAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
APÊNDICE A - ENTREVISTA	39

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

A escola, os profissionais, os educadores e todos os estudantes que estiveram na instituição escolar contribuíram para a minha evolução enquanto estudante e ser humano.

Sou filha de uma goiana e um cearense, Divany Marques Ribeiro Fernandes e Antônio Orlando Fernandes da Silva Marques. Nasci em Trindade de Goiás onde residi por pouco tempo, com cerca de seis meses meus pais resolveram trilhar novos caminhos, resolveram vir para Brasília.

Tive a oportunidade de estudar em duas instituições da rede pública do Distrito Federal, em uma área rural de Sobradinho. A primeira instituição, Olhos D'água, foi onde tive meu primeiro contato com a educação institucional, aos quatro anos de idade. Todos os profissionais eram envolvidos com a educação escolar, eram atentos a tudo que estava acontecendo no ambiente e ensinavam com brincadeiras e atividades xerocadas (recordo-me do cheiro de álcool do mimeógrafo que usavam para fazer as xeroques).

As brincadeiras geralmente eram ministradas pela professora, mas éramos nós quem decidíamos do que brincar. Correr era o que eu mais fazia. Aos seis anos tive que ir para o Centro de Ensino Fundamental Lago Oeste, hoje conhecida como Centro Educacional Professor Carlos Ramos Mota. Uma mudança repentina e radical, pensei.

Antes, uma criança inquieta e “travessa” que gostava de se comunicar com todos da comunidade escolar. Havia muitos momentos em que tínhamos brincadeiras e poucas atividades xerocadas. Com o ingresso na primeira série do ensino fundamental 1, tive dificuldades para me adaptar ao novo sistema de educação, passou a ter uma quantidade de atividades mais elevada e tinha a hora de brincar, no “recreio”. A minha adaptação nessa nova etapa foi lenta e complicada, eu gostava de conversar e isso foi um problema. Meus pais foram alertados nas reuniões bimestrais das minhas conversas contínuas e “fora de hora”, motivo pelo qual chorei várias vezes em um abacateiro perto de casa.

À medida que fui passando de série me tornei uma criança tímida e calada, mas sempre estudiosa. Meus pais tinham o hábito de falar “estuda para você não sofrer limpando o fogão dos outros, só eu sei o quanto é difícil”, então tendo a oportunidade de ver o trabalho da minha mãe (diarista) e do meu pai (caseiro), foquei nos estudos.

Quando passei para o ensino fundamental II, tive menos dificuldades. Fui chamada de nerd por estar sempre atenta às atividades e ao que os professores pediam. Nunca reprovei e gosto de destacar isso com orgulho, pois foi fruto da minha dedicação.

Entrei no ensino médio com dezesseis anos, foi onde comecei a fazer algumas mudanças na maneira como eu me comportava e me expressava diante das pessoas. As disciplinas mais interessantes eram: História, Português, Filosofia, Sociologia e Artes, as disciplinas que me deixava com receios eram: Física, Química, Matemática e Inglês.

Ressalto que a minha vontade na época era fazer faculdade de psicologia, foi quando tive a oportunidade de ouvir falar e conhecer a Universidade de Brasília. A professora de português e a de filosofia compartilhavam uma disciplina em comum com o intuito de nos preparar para o PAS- (Programa de Avaliação Seriada). Fiz as aulas, mas não me atentei para fazer a inscrição, o que conseqüentemente ocasionou em uma não participação da prova.

No terceiro ano do ensino médio, decidi que iria fazer psicologia. Consegui me formar e comecei a trabalhar em um comércio próximo a minha residência. Com três meses de trabalho resolvi sair por ter a convicção de querer uma formação superior, eu queria mais. Fiz a inscrição para o programa Bora Vencer, um curso preparatório gratuito e com o objetivo de ajudar estudantes que estudavam para ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) e vestibular.

Não cheguei a fazer ENEM e nenhum outro tipo de prova para ingressar em instituições de nível superior. Em 2017, ao realizar o vestibular da UnB, por receio de não ter a nota apropriada para ingressar no curso de psicologia, mudei para o curso de pedagogia. Passei.

No segundo semestre de 2017, comecei a estudar, tive a oportunidade de fazer a transferência de curso, mas depois que tive a oportunidade de conhecer um pouco da pedagogia, eu sabia que meu lugar era ali, na pedagogia.

O curso de pedagogia me proporcionou oportunidades significativas de reflexões e conhecimentos a respeito da educação brasileira. Os profissionais abordavam questionamentos, falhas e possíveis soluções para a melhoria da educação. As disciplinas que mais me chamavam a atenção no decorrer dos semestres eram as disciplinas voltadas para a educação especial.

Em 2018, tive uma disciplina chamada “Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE” com a professora Dra. Edeilce Aparecida Santos Buzar, foi quando despertou o meu interesse pela área da surdez. Desde então, a minha busca pela aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais e a busca incessante de encontrar meios que me capacitasse para me tornar uma professora bilíngue e, para finalmente fazer a diferença na educação de surdos, veio de forma gradativa.

Busquei disciplinas que contemplassem a surdez. Fiz monitoria na disciplina de LIBRAS, onde consegui além de aprender alguns sinais, ensinar.

Acompanhei a professora substituta surda Marcia Francisca na disciplina de Escolarização de Surdos e LIBRAS, e através desta experiência conheci um pouco mais sobre a educação de surdos e sobre a língua de sinais.

Fiz todos os projetos individualizados de prática docente, sendo eles:

- a) Projeto 3- Projetos individualizados 1 (PESPE) com a professora Dra. Edeilce Aparecida Santos Buzar. O projeto tinha como objetivo a construção de materiais didáticos para o ensinamento de crianças surdas, e foi onde desenvolvi habilidades para a confecção desses materiais de apoio;
- b) Projeto 3- Projetos individualizados 2 (PESPE) com a professora Dra. Edeilce Aparecida Santos Buzar, onde trabalhamos a LIBRAS INSTRUMENTAL, aprendemos sobre o Labes-Libras e a como desenvolver um trabalho em conjunto com outras colegas da área;
- c) Projeto 4- Projetos individualizados de prática docente 1 (SEPD). Orientado pela professora Dra. Edeilce Aparecida Santos Buzar, onde tive experiências presenciais dentro de uma instituição pública com crianças surdas, e tive a oportunidade de aprender com profissionais da secretaria de educação;
- d) Projeto 4- Projetos individualizados de prática docente 2 (SEPD). Orientado pela professora Dra. Edeilce Aparecida Santos Buzar, onde tive aulas remotas devido à COVID-19. Neste projeto auxiliei a professora Dra. Edeilce Aparecida Santos Buzar na função de monitora no evento de extensão III SEMINÁRIO DO LABES-LIBRAS: POLÍTICAS PÚBLICAS, PESQUISAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERTRANSCULTURAIS BILÍNGUES DE E COM SURDOS.

Nesse evento, participei na função de monitora de eventos e seminários de extensão do Labes- Libras, onde tive a oportunidade de escutar e conhecer a professora Dra. Liège Gemelli Kuchenbecker, a quem de boa vontade aceitou contribuir para a minha formação como orientadora deste meu Trabalho Final de Curso (TFC).

Toda a minha trajetória dentro da Faculdade de Educação tem envolvimento com a área da Educação de Surdos.

É com grande orgulho que dou início ao Trabalho Final de Conclusão de Curso abordando a educação de surdos e seus desafios perante o ensino remoto o qual fomos acometidos a partir do ano de 2020 por causa da pandemia ocasionada pela Covid-19.

PARTE II

1 INTRODUÇÃO

Foram determinações do Ministério da Saúde como meio de precaução e como forma de auxiliar no combate ao vírus, adotar medidas preventivas para evitar ser infectado, para isso, o afastamento social, o uso de máscaras e de álcool em gel passou a ser indispensável. Compreendendo a situação em que o atual momento trouxe, as instituições de ensino tiveram que se sobressair e adaptar-se ao modelo novo de ensino, o qual chama-se remoto.

A educação do sujeito surdo sofreu alterações mediante a pandemia, e por isso, se faz necessário refletir sobre novas estratégias de ensino e meios que melhorem as condições estruturais do material de ensino dessas crianças.

Este trabalho busca compreender os prós e os contras que o ensino remoto trouxe para a educação de surdos, possibilitando também oportunidades de reflexão e melhoria para eles. Através de um relatório feito de forma presencial em 2019 e comparado com o ensino remoto na mesma instituição (conforme a entrevista com a coordenadora da escola realizada no dia 28 de abril de 2022), é possível observar os impactos que a educação de surdos sofreu por não terem acesso financeiro, metodológico e o fornecimento/criação de materiais adaptados que os alcançassem.

Por intermédio de uma entrevista realizada de forma presencial, após dois anos (2019-2022) da realização do estágio supervisionado, foi possível deparar com modificações curriculares significativas. A coordenadora, logo no início do período pandêmico assumiu como intérprete algumas turmas e auxiliou as crianças surdas durante o ano letivo, devido ao seu conhecimento da LIBRAS.

Este trabalho “O EFEITO DO ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS” foi dividido em duas partes: *PARTE I* e *PARTE II*, e entre 3 capítulos. Na *PARTE I*- Memorial Educativo, neste tópico apresento a minha trajetória escolar e acadêmica. *PARTE II*- Introdução, onde será apresentado o assunto deste trabalho de maneira resumida proporcionando ao leitor uma leitura de fácil compreensão. Problema de pesquisa, onde apresentarei o questionamento que norteia todo o trabalho. Nos objetivos se encontram os objetivos: Objetivo Geral e os Objetivos específicos que trarão resumidamente qual a intencionalidade da construção deste trabalho e por fim, a Metodologia, que apresentará a maneira que se foi construída este Trabalho Final de Curso.

No *Capítulo I*, subtópico **Surdez: O sujeito surdo e a Pandemia**, será apresentado um breve panorama histórico e introdutório sobre a educação de surdos, suas lutas e conquistas. No subtópico, **Flexibilização no ensino remoto com estudantes surdos**, será

discorrido sobre a autonomia que as instituições possuem para poder implementar no Projeto Político Pedagógico propostas de orientações e intervenções que atendam a diversidade de estudantes, partindo do princípio que cada criança aprende de maneira diferente.

No *Capítulo II*, subtópico - **A importância da formação continuada de professores**, que aborda a relevância de uma formação que complementa e potencializa seus conhecimentos através de uma formação contínua para a educação de surdos. No *Capítulo III*, o subtópico- **Análise da Entrevista com a Coordenadora da Instituição em que a Pesquisa foi Realizada: O Efeito do Ensino Remoto na Educação de Surdos** que discorre sobre a análise da entrevista à coordenadora educacional de uma instituição pública do Distrito Federal- DF, e a importância de um trabalho em conjunto com o mesmo propósito.

Nas considerações finais, será apresentado todos os tópicos mencionados com reflexões feitas sobre as dificuldades e meios que foram utilizados para que a educação de surdos tivesse uma base organizacional e estrutural adequada.

Nas perspectivas futuras profissionais apresento minha intencionalidade após a conclusão do curso de pedagogia. Seguindo de anexos que possibilitam e salientam as estratégias e aplicativos utilizados enquanto o isolamento entrou em vigor.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais foram os efeitos do ensino remoto na educação de surdos durante o período pandêmico?

1.2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender os impactos que o ensino remoto causou na educação de surdos durante o processo de isolamento social, devido ao vírus da COVID-19.

Objetivos específicos

Para que seja feita a leitura e compreensão do trabalho presente, a pesquisa tem como objetivos específicos; 1º Analisar os efeitos que surgiram na educação de surdos com a medida de aulas remotas; 2º Compreender as dificuldades presentes para estes estudantes; 3º Apresentar de forma sucinta o relatório de estágio supervisionado feito em uma escola pública; 4º Refletir sobre estratégias e meios que aumentem e possibilitem uma educação do sujeito surdo de qualidade.

1.3 METODOLOGIA

Este trabalho “O Efeito do Ensino Remoto na Educação de Surdos” é fruto do questionamento que tive acerca do ensino de crianças surdas no período pandêmico. Sabemos que os profissionais da educação tiveram que inovar e aprender a trabalhar com as plataformas virtuais, e mediante esse contexto e as observações feitas durante o estágio supervisionado (Projeto-4.1) antes da inserção do vírus, foram fundamentais, pois através dessas observações e com a chegada repentina da COVID-19, surgiu a indagação a respeito dos efeitos que o ensino remoto teve na educação do sujeito surdo.

Para a realização deste trabalho, foi utilizado a aplicação de questionário, feito de forma presencial com a coordenadora da instituição escolar, o que permitiu maior flexibilização na hora de perguntar. Diante disso, por questões de ética, o nome da instituição não será mencionado, ficará em sigilo, bem como de profissionais que atuam na instituição e dos estudantes. Além do questionário, foram selecionados artigos que embasam o ensino remoto e a educação de surdos, bem como os autores que tinham/ têm familiaridade com o assunto e visam uma melhoria para a educação do sujeito surdo. As autoras Buzar (2009), Antunes (2016), Dainez e Smolka (2014) foram mencionadas pelo conhecimento vasto na área, bem como, Honora (2014), Martins (2021), Pereira e Sousa ([201-]). Autores como a Hooks (2013), Kishimoto (2001), Luckesi (2000), Chueiri (2008), Oliveira e Silva (2016), Lage (2020), Rondini *et al* (2020), Distrito Federal ([2014b]) e Villas Boas (2019) foram mencionados por embasar o ensino, estratégias educacionais e o período pandêmico, e por fim, foram mencionados também sites a fim de complementar o trabalho. A pesquisa é de estudo qualitativo e tem como objetivo analisar e compreender os efeitos que o período pandêmico ocasionou na educação de surdos.

CAPÍTULO I

1.1 Surdez: O sujeito surdo e a Pandemia

A luta por igualdade antecede a idade média. Não ter audição, naquela época, era ser considerado um ser sem pensamento, um não humano.

Acreditavam que a audição era o sentido mais importante para o sucesso da escolarização (HONORA, 2014), e por isso os surdos eram privados de receberem estudos, de se casarem, de receberem heranças e afins. Com interesse da igreja católica em fazer com que os surdos filhos de senhores feudais e nobres confessassem como os demais, monges foram convidados para serem seus professores, para intercederem por eles, já que eles eram julgados por não terem uma língua inteligível. Pedro Ponce de Leon, foi o primeiro professor reconhecido, por criar o alfabeto manual e por conseguir ensinar surdos.

Outras pessoas passaram a se interessar pela comunidade surda, o médico Gerolamo Cardano, afirmou que, a surdez não era um motivo para impedir os surdos de receberem instruções (HONORA, 2014).

A luta incessante por reconhecimento, por direitos é longa. A educação dessas pessoas iniciou-se não por interesse em ver essas pessoas aprendendo, mas sim por interesses individuais do governo da época. Marginalizados, excluídos e oprimidos, as instituições criadas para oferecer esses ensinamentos buscavam a oralização e a padronização. A língua de sinais não era aceita. Em 1880, aconteceu o congresso de Milão, onde ouvintes decidiram proibir o uso da língua de sinais pela comunidade surda e conseqüentemente o regresso da educação dessas pessoas foi evidente. Resistiram, continuaram a conversar às escondidas até que não tivessem mais o controle e fossem submetidos a “aceitar” que língua dos surdos era a língua de sinais.

Lutas, desafios, medo e insegurança sempre estiveram presentes na história da comunidade surda, mas a perseverança, teve espaço em suas reivindicações, e apesar de tantos momentos cruéis, atualmente, conseguiram leis e decretos que auxiliam e ajudam a continuar lutando por equidade e igualdade dentro da sociedade moderna.

Segundo Ferreira-Brito (1986), o ensino de crianças surdas atualmente está voltado para a abordagem do bilinguismo, é a proposta de ensino mais apropriada para o desenvolvimento cognitivo e linguístico da comunidade surda. Pesquisadoras como Quadros (2008) e Góes (1996), concordam que essa abordagem permite reconhecimento da comunidade surda, exercendo uma visibilidade maior na sociedade e nas instituições de ensino.

É um direito do estudante surdo ter acesso a um ensino de qualidade, e ter um profissional intérprete dentro da sala de aula quando o professor regente não sabe falar em LIBRAS. É de suma importância para que haja uma mediação da comunicação entre o surdo e o professor regente. A língua brasileira de sinais como primeira língua, torna-se uma ponte para a aprendizagem da escrita do português (*tendo o português como segunda língua- L2*) e é por isso que a proposta de ensino para o sujeito surdo deve contemplar sua primeira língua- L1, como ferramenta para o aprendizado das demais áreas de conhecimento.

A Constituição Federal de 1988 veio legitimar a oferta de atendimento educacional especializado a estudantes com necessidades educacionais especiais, indicando que o mesmo deveria ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino, e estabelece a Educação Especial como modalidade de educação escolar obrigatória e gratuita. (DISTRITO FEDERAL, [2014a], p. 12).

Está estipulado no artigo 205 e 206 da Constituição Federal de 1988, que a educação é direito de todos e obrigação do Estado e da família, com o intuito de proporcionar o desenvolvimento das pessoas, bem como promover uma educação de qualidade visando “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, [1988]), e que o prepare para o mercado de trabalho e a cidadania.

No ano de 2019, o mundo foi acometido por um vírus, COVID-19, que afetou todas as populações, incluindo a população brasileira. Em decorrência a este fato, as instituições de ensino tiveram que se sobressair, procurando novos meios e estratégias a fim de que continuassem as aulas, que desde então passaram a ser remotas. Partindo dessa nova realidade, a educação de surdos também passou por modificações no decorrer deste tempo de pandemia. O sistema educacional adotou medidas que utilizam ferramentas tecnológicas para o funcionamento das aulas online. Diante das medidas tomadas, quais foram os efeitos do ensino remoto na educação de surdos durante o período pandêmico?

Além dos desafios encontrados anteriormente, o preconceito linguístico e a desvalorização, agora, encontram-se novos desafios. Desafios que perpassam também o ensino, a realidade das crianças, moradia e condição financeira. Muitas crianças surdas não são fluentes em sua primeira língua, muitas não possuem condições financeiras para terem acesso a internet e computadores e muitas não possuem pessoas em sua família que tenham conhecimento da LIBRAS, o que dificulta a aprendizagem e o que torna a exclusão dessas pessoas mais agravante.

1.2 Flexibilização no ensino remoto com estudantes surdos

Os profissionais, apesar das dificuldades, estão se adaptando ao novo modelo de ensino. Segundo o *Observatório de Educação* Instituto Unibanco, as instituições possuem a autonomia para promover propostas no PPP (Projeto Político Pedagógico), desde que estejam coerentes com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

É necessário que sejam feitos debates constantes para construir um ensino de qualidade para os surdos. Com a inserção da pandemia, seriam necessárias criar estratégias para o ensino e aprendizado eficaz, mesmo sendo de forma remota, a fim de proporcionar práticas educativas de qualidade e contemplar de forma flexível a diversidade (VASCONCELOS, 2020).

Uma das virtudes do ensino remoto é a diversidade de possibilidades de práticas de ensino. Com a inserção das plataformas virtuais na educação, existe um leque de oportunidades que podem elucidar e ser eficiente na construção do conhecimento. Para Vasconcelos (2020, p. 2):

Assim, o Conselho Nacional de Educação em 28 de abril de 2020 no parecer CNE/CP Nº: 5/2020; estabeleceu novas formas de organização do trabalho, que permitiu considerar atividades não presenciais e outras atividades, sempre que possível, de forma remota e devidamente justificadas no projeto pedagógico.

A pandemia proporcionou o estabelecimento de novas formas de organização do trabalho, a comunidade escolar tem que se adaptar ao novo modelo de ensino, o remoto, e buscar vencer as dificuldades. Em contexto a essa realidade, materiais impressos, vídeos, recursos visuais, imagens e a colaboração da família têm tido resultados significativos que contribuem para o aprendizado do estudante surdo.

A família tem um papel fundamental nesse processo e com a intensificação e a disseminação do vírus, a família tornou-se ainda mais necessária. Diante dessa nova realidade escolar e como meio de intervenção educacional, as famílias que não tinham condições financeiras para ter aparelhos com internet tiveram a oportunidade de receber atividades impressas quinzenalmente para que a lacuna educacional não se expandisse e eles conseguissem, no decorrer dessa situação, continuar mantendo um contato com o ensino, segundo a coordenadora entrevistada (2022).

Com esta demanda e com a autonomia em que a escola têm para incluir no PPP (Projeto Político Pedagógico) atividades e estratégias que sirvam de base estrutural para a

educação de surdos e que possam também atender a diversidade de estudantes incluídos em uma classe regular de ensino, são necessárias reflexões de métodos avaliativos que não sejam padronizados, tendo em vista que cada estudante é diferente, aprende de maneiras distintas e possuem diferentes modos de enxergar o mundo devido a suas experiências.

CAPÍTULO II

2.1 A importância da formação continuada de professores

Entende-se a formação continuada como sendo um processo contínuo que capacita e aprimora os professores ao longo da profissão. É de suma importância que a formação continuada complemente todo o conhecimento já adquirido, além de suscitar o aprofundamento e potencializar a formação docente.

Existem cursos oferecidos pela Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF que oferecem cursos de capacitação com diversos conteúdos e temas diferentes. Muitos docentes optam por buscar cursos de rede privada, é uma alternativa que também é válida, pois ambos aprendem a trabalhar com tecnologias, adquirem conhecimentos sobre novas práticas de ensino e aprendem a identificar com mais agilidade as dificuldades que os estudantes apresentam. Para os professores que possuem em suas classes estudantes surdos, capacitar-se se faz necessário.

A escola de surdos ou turmas específicas de surdos, nesse sentido, é, para muitos, um espaço de encontro significativo, pois é nela que muitos se constituem como sujeitos surdos culturais e podem romper com as amarras sociais que os colocam na condição de deficientes, aos quais falta algo, como sujeitos que necessitam ser corrigidos, forçadamente e com grande esforço, através do aprendizado da língua oral da maioria ouvinte. (THOMA, 2012, p. 171).

Os docentes que buscam capacitar-se modificam constantemente a forma de ver, de interagir, de lecionar e compartilhar experiências, possibilitando uma transformação na interação de professores e estudantes, escola e família.

A formação continuada está inserida na Legislação de Diretrizes e Bases da Educação-LDB (BRASIL, 1996) e hoje destaca-se devido ao avanço da tecnologia. A geração atual requer práticas educativas de ensino que inovem conteúdos implantados e métodos de ensino.

Os workshops são cursos voltados para a aplicação de técnicas específicas com viés prático que auxiliam e ajudam na criatividade do docente. Para os professores que atuam nas

salas de recursos, o decreto 6.571 que dispõe sobre o atendimento educacional especializado do ano de 2008 garantiu a formação continuada de professores para o atendimento educacional especializado e mediante isso, a criação de materiais didáticos é relevante. Os cursos de formação continuada também são ofertados para os intérpretes educacionais brasileiros, pois está contida no decreto 5.626 que dispõe sobre a lei de LIBRAS, e que assegura uma formação para intérpretes, visto que os surdos se relacionam com o mundo através de experiências visuais espaciais.

Assim, o Decreto 5.626 de 2005, que regulamenta a lei de Libras, orienta que a formação de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) deverá efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras e LP, o que sugere uma formação generalista para atuar em qualquer área do conhecimento. (MARTINS, 2021, p. 86).

A formação continuada deste profissional é relevante para que durante as aulas ele possa fazer o seu trabalho com qualidade. São ofertados, segundo Martins (2021, p. 90) “cursos de formação profissional, formação continuada e de extensão universitária para formar TILS, que são tidos como cursos livres de aperfeiçoamento, atualização e específicos”. A APADA/DF (Associação de Pais e Amigos dos Deficiente Auditivos do Distrito Federal) é um órgão que é conveniado com a SEEDF sem fins lucrativos e tem como um de seus objetivos principais, incluir o surdo na sociedade.

A APADA/DF firma uma proposta de trabalho em parceria com o MEC na formação de professores para o ensino português como segunda língua e intérpretes de Libras, nos 27 estados da federação. Para essa tarefa, a APADA contou com a parceria de professores da Universidade de Brasília. Foi a partir deste momento, que o Brasil iniciou seu processo de ensino do português para surdos ou deficientes auditivos, de uma forma diferenciada, respeitando a condição linguística destes sujeitos. As provas de concursos e vestibulares também passam a ter um foco diferenciado nas correções de redação. (ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS DEFICIENTES AUDITIVOS, [2018]).

Assim como a APADA, outras instituições buscam suprir e incluir o sujeito surdo. Os intérpretes educacionais quando dão continuidade aos cursos de formação capacitam-se e auxiliam os professores regentes formando uma dupla que trabalha com o mesmo propósito podendo confeccionar materiais didáticos.

Como meio de auxiliar na educação de surdos no período pandêmico, a criação de materiais didáticos foi pertinente e de grande ajuda, pois são ferramentas que ajudam o professor a contribuir na aprendizagem do estudante surdo. Com o ensino remoto, a criação

de materiais didáticos adaptados foi desenvolvida buscando sanar as dificuldades de ensino e aprendizagem, materiais como apostilas, e-books, materiais digitalizados, jogos online, aplicativos como o *jamboard* etc. Segundo Melo e França-Carvalho (2020, p. 14):

Para o desenvolvimento de atividades pedagógicas não presenciais, não basta simplesmente transferir o conteúdo que seria ministrado presencialmente para a versão módulos autoexplicativos, é necessário fazer uma análise minuciosa do currículo e selecionar conteúdos e habilidades possíveis de serem trabalhadas de forma não presencial, deixando os conteúdos complexos para o retorno das aulas presenciais.

Para se ter êxito nas criações didáticas pedagógicas, conhecer o assunto sobre a área que irá produzir os materiais é importante e necessário. A formação articulada em teoria e prática permite ao docente promover comunicação com a utilização de ferramentas como Google Drive, Word, Excel - online, Google Classroom, Meet, Zoom, Canva, Teams e etc. A coordenadora da escola relatou ter aprendido a utilizar o *JAMBOARD* como ferramenta e teve a experiência de aprender a escrever no quadro branco online que o aplicativo oferece.

A ludicidade também é considerada uma parte importante e fundamental para se trabalhar com crianças (não tiro a relevância de se trabalhar com o lúdico com as demais fases, jovens e adultos) entretanto, para o ensino de crianças a ludicidade quando é aproveitada torna-se oportuna para envolver as crianças e despertar nelas criatividade, interesse e conhecimento. Para as autoras Oliveira e Silva (2016, p. 5):

Apesar de que nos anos iniciais a preocupação maior seja alfabetizar, lúdico, jogos e brincadeira, não pode ser visto só como papel da educação infantil, porque a criança para aprender ela precisa associar, conviver, trocar ideias e interagir com o próximo, precisa aprender a esperar, para falar, precisa começar a entender as regras do convívio social.

Com a ludicidade, os surdos por serem viso-espaciais compreendem e aprendem com mais rapidez as atividades propostas. No ensino remoto a valorização desses instrumentos também são válidos e fornecem desenvolvimento pessoal e integral, Kishimoto (2001) ao abordar sobre o ato de brincar discorre que as brincadeiras se desenvolvem e constroem o conhecimento infantil onde a criança desempenha e deixa fluir o imaginário.

Os professores ao utilizarem os materiais didáticos, fazendo o uso da ludicidade engrandecem o seu trabalho e favorecem uma educação de qualidade e eficaz aos estudantes. Para os surdos, o uso dessas ferramentas em tempos de ensino remoto são indispensáveis e requerem atenção especial dos docentes.

CAPÍTULO III

3.1 O efeito do ensino remoto na educação de surdos

Em uma instituição pública, de anos iniciais do Distrito Federal, há em conjunto, nos turnos matutino e vespertino aproximadamente cerca de 325 estudantes, e há uma quantidade de estudantes surdos pequena, que são divididos em salas regulares de ensino que dispõem da presença de intérpretes, por ser uma escola inclusiva. Esses dados são baseados no Projeto Político Pedagógico-PPP da instituição (2018) e no relatório de estágio supervisionado (2019), além de um questionário realizado pela coordenadora da escola pesquisada que também atuou como professora pelo seu conhecimento da LIBRAS, e sob experiência presencial no ano de 2022.¹

A instituição no tempo presencial possuía uma organização escrita, com um calendário específico das atividades pedagógicas detalhadas que perpassavam o ano. A coordenação escolar juntamente com os professores e intérpretes costumavam fazer o momento da “acolhida” toda segunda-feira a fim de comunicar avisos e orientações do restante da semana. O que era algo atrativo para todas as crianças incluindo as crianças surdas pois também havia uma professora de LIBRAS que ficava a frente passando os recados, apresentando canções em língua de sinais e fazendo o momento da oração, ou seja, havia um contato, uma relação de acolhimento que agradava a todos.

As crianças que precisavam de um acompanhamento individualizado faziam suas atividades no contraturno, com uma profissional especializada que ficava na sala do AEE. A sala do AEE possuía um espaço limitado contendo poucos recursos, mas que conseguia atender a demanda das crianças que desfrutavam deste ambiente.

Ainda durante o tempo de ensino presencial, as crianças surdas que frequentavam a instituição contavam com o auxílio de professores regentes e intérpretes durante as aulas ministradas, entretanto, a escassez de materiais adaptados, planejamento de atividades avaliativas e ações excludentes eram visivelmente notadas porque por muitas das vezes as crianças estavam realizando atividades que o restante da turma não estava, atividades que podiam ser realizadas em outro momento ou em outra situação. Como foi visto uma criança realizando atividade de matemática (operações- soma e subtração) em uma aula de português

¹ O Projeto Político Pedagógico da escola não contará nas referências com o nome da escola. Estará como escola pesquisada por questão de ética. Para as crianças surdas, as canções, avisos, orações e todo acolhimento da instituição eram feitos em língua de sinais.

(verbos). Dentro da sala de aula, as crianças surdas se sentavam nas últimas cadeiras como meio de organização e para facilitar a locomoção da intérprete.

Ter contato com a língua de sinais nos primeiros anos de vida torna-se imprescindível, pois infelizmente não são todas as crianças que possuem acesso de imediato a sua primeira língua, e devido a essa realidade, as instituições devem buscar uma estrutura adaptada para receber esses estudantes que não sabem a língua de sinais e nem o português escrito. Estruturas estas, que venha a servir de ponte, que além de auxiliar no percurso de aprendizagem seja acolhedora e inspiradora, para que desperte no estudante surdo o interesse em continuar estudando.

No Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada, consta que a escola tem como objetivo proporcionar uma educação de qualidade tornando possível o direito de aprendizagem de cada um, independentemente de sua condição. Também consta no documento, que a unidade escolar perpassa pelos referenciais da pedagogia histórico - Cultural e histórico - Crítica que reforça a ideia de que o estudante é um sujeito que possui toda uma trajetória e uma bagagem cultural que deve ser levada em conta. Por ser uma escola com estrutura pequena, os profissionais possuem um vínculo maior e conseqüentemente a relação entre professor e estudante é grande. Percebi que os pais/ responsáveis das crianças surdas que eu estava observando não tinham um vínculo com a professora regente e nem com a intérprete.

Penso que algumas soluções podem ser pensadas, como por exemplo, programas institucionais com a família e o estudante surdo, com o intuito de melhorar a relação entre família, estudante e escola. Podendo também ser incluído no PPP uma semana intercultural que aborde e ofereça palestras, cursos e atividades para salientar uma semana inclusiva.

Durante as aulas de uma turma do 4º, foi possível notar a discrepância de interesse da aprendizagem nas crianças surdas, justamente por não compreenderem o conteúdo que estava sendo passado no momento. Por mais que a professora regente estivesse explicando o conteúdo e/ ou mostrava vídeos que salientavam o assunto que estavam estudando, as estratégias pedagógicas, no meu entendimento, não eram suficientes para alcançar os estudantes surdos, por não estarem adaptadas para os mesmos e também por conter informações que envolviam mais a cultura ouvinte.

Para o estudante surdo o ensino pautado na cultura ouvinte torna-se difícil a compreensão, pois, o português para o surdo é a sua segunda língua, acarretando assim, em dificuldades para o aprendizado. Na escola, era comum a professora passar uma atividade que não tinha ligação com o que o restante da turma estava fazendo, quem ficava responsável por

ensinar era a intérprete (a maioria do tempo) já que a professora regente estava lecionando para os demais.

Algumas situações que ocorriam na sala de aula envolvendo a professora e a intérprete chamavam a minha atenção. A professora regente concentrava-se na turma enquanto as crianças surdas ficavam sob responsabilidade da intérprete, pelo menos era o que eu via durante o estágio supervisionado. Não havia tanta interação da professora regente com as crianças surdas durante as aulas, ela não as entendia então deixava o conteúdo para a intérprete ensinar, a impressão que tive era que a professora regente agia como se não houvesse crianças surdas dentro de sala, e as metodologias eram completamente voltadas para o ouvinte. A intérprete muitas vezes estava distraída com outras situações porque ela também auxiliava a turma. Muitas vezes vi a intérprete falar para as crianças surdas o que era para elas fazerem, mas não ensinava como fazer e isso conseqüentemente levava as crianças a não ter interesse, a não ter ânimo, e como alternativa de “escapar” o pedido para usar o banheiro e beber água era frequente.

Um dos episódios que presenciei foi em uma aula de história, onde a professora havia colocado um vídeo que explicava o conteúdo que ela estava abordando e não continha legenda. A intérprete estava mexendo no celular e não interpretou ou explicou o que estava se passando, e neste momento, a estudante surda ficava olhando o céu pela janela, pedia para ir beber água, chegava até a perguntar do que se tratava o vídeo, porém, não era respondida por falta de atenção. Neste momento fiquei inquieta e reflexiva por ser uma professora em formação, esse fato me deixou desconfortável e deprimida porque era possível que algo fosse feito naquela aula, era possível que o conteúdo passado ali fosse passado para as crianças surdas, de maneira diferente, mas que fosse realizado.

Com os dados coletados durante as noventa horas de estágio supervisionado, foi possível observar que na prática o ensino de surdos é muito mais complexo. No ensino presencial, há uma demanda de afazeres que sobrecarrega e distancia a criança surda do ensino, bem como, sobrecarrega e dificulta aos profissionais devido a uma não formação continuada.

Com a chegada da pandemia, o ensino teve que passar por modificações para que fosse possível continuar com as aulas e os estudantes não ficassem atrasados. O ensino remoto, foi uma alternativa que encontraram para dar continuidade, ou seja, o ensino remoto não é e não foi preparado como o EaD - Educação à Distância.

As aulas em EaD foram preparadas e organizadas para serem realizadas de forma online, e por isso, as plataformas utilizadas e as aulas ministradas por profissionais que têm

um conhecimento apropriado para trabalhar com a internet não tiveram preocupações como os professores que estão em sala de aula de forma presencial. O ensino remoto, como alternativa, teve que ser instituído emergencialmente o que difere de um ensino que foi preparado exclusivamente para as aulas à distância.

O ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas on-line. Em contrapartida, para esses autores, o intuito do ensino remoto não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente. Assim, em decorrência da pandemia, o ensino remoto emergencial tornou-se a principal alternativa de instituições educacionais de todos os níveis de ensino, caracterizando-se como uma mudança temporária em circunstâncias de crise. (RONDINI *et al.*, 2020, p. 43).

Com a implementação do ensino remoto emergencial, as intercorrências passaram a ser frequentes nas aulas. Os professores tiveram dificuldades para aprender a ter domínio sobre as máquinas, sobretudo dos aplicativos. Segundo a coordenadora que respondeu o questionário anexado neste trabalho, a dificuldade maior durante esse tempo foi aprender a ter habilidades em plataformas digitais e fazer os planejamentos das aulas contando com essas plataformas. Muitos professores não tinham o costume de manusear aparelhos digitais com fluidez e com a situação atual se fez necessário o uso.

Para frisar as respostas contidas no questionário, a coordenadora salientou que trabalhou 23 anos na instituição, havendo no ano de 2020 três turmas de anos iniciais divididas para cinco estudantes surdos e na instituição possui quatro intérpretes. Os professores não dominam a LIBRAS (conhecem o básico) e as crianças possuíam um domínio maior da LIBRAS o que facilitou a aplicação dos conteúdos. Como meio de intervenção, a coordenadora voltou a trabalhar em sala de aula como intérprete para que fosse promovida a educação das crianças surdas. Também foram realizados atendimentos individualizados pela coordenadora, como aulas de reforço para que os estudantes surdos pudessem melhorar a compreensão dos conteúdos passados em aula online.

A coordenadora relata que na escola em que atua não são todos os profissionais que têm conhecimento da LIBRAS, em especial os professores. A coordenadora por muito tempo atuou como intérprete em outras escolas e seu vasto conhecimento da LIBRAS fez com que ela viesse a ocupar o espaço novamente no período pandêmico na escola pesquisada, auxiliando os estudantes surdos matriculados na instituição (Isso ocorreu porque a maioria

dos professores não sabiam a língua de sinais e para que a discrepância do ensino de crianças surdas não fossem tão grande quanto a de crianças ouvintes ela passou a auxiliar os professores e dar aulas para as crianças surdas).

Como meio de assegurar que as crianças surdas aprendessem, a coordenadora participava das aulas juntamente com a professora regente durante as aulas online pela plataforma Google Classroom a fim de que as crianças surdas pudessem ter um momento de inclusão e interação juntamente com a turma, e para além disso, fazia “atendimento particular” que implicava em aulas individualizadas onde ela pudesse orientar, ensinar e ver as ²crianças surdas fazendo as atividades pelo aplicativo *JAMBOARD*, que é uma espécie de quadro branco online.

No ensino remoto as dificuldades por parte da comunidade escolar expandiram, segurar a atenção das crianças em aulas online tornou-se um problema, essa foi a justificativa pela coordenadora para que houvesse um atendimento particular dessas crianças surdas. As crianças se distraíam com facilidade e às vezes chegavam a não realizar as atividades. Mediante a essa situação a escola se posicionou e fizeram uma reunião virtual que como resultado foi estipulado que seria reduzido o tempo de aulas durante o período pandêmico, ou seja, as aulas passaram a durar no máximo 3h para que não ficasse maçante e aulas particulares passaram a ter resultados positivos.

Na sala em que a coordenadora atuou como intérprete, todas as crianças surdas sabiam falar em LIBRAS, o que “facilitou” as aulas e a programação das atividades. Em contrapartida, salienta que mesmo essas crianças sabendo falar em LIBRAS e por mais que as atividades estivessem com o enunciado em português, havia atividades que continham o enunciado em LIBRAS como forma de continuar o processo formativo dessas crianças na sua primeira língua- L1. As crianças de outras turmas que não possuíam o domínio da LIBRAS, as professoras tiveram mais dificuldades em desenvolver as aulas nas plataformas que eram utilizadas pela escola, em função disso, relata a coordenadora que a maioria das vezes ia dormir tarde da noite por estar organizando materiais para as aulas.

Salienta que era complicado lecionar quando o estudante não tinha domínio da LIBRAS e então o trabalho colaborativo que envolvia toda instituição teve uma grande relevância para os docentes, pois todos estavam se ajudando. Partindo do princípio de que o

² Jamboard é uma espécie de quadro branco interativo que proporciona a realização de atividades de forma on-line.

trabalho pedagógico requer uma estrutura qualificada para promover uma educação equitativa, o trabalho colaborativo se faz necessário.

O trabalho colaborativo é importante em uma instituição, pois é ele quem irá dar direcionamento para um propósito em comum da comunidade escolar, o de promover uma educação que contemple a qualidade e a equidade. Portanto, o grupo de profissionais se dispõe a uma dinâmica de ideias e afazeres que destacam e desdobram responsabilidades entre si. A coordenadora da instituição salienta a quão necessária foi a interação e o envolvimento da equipe pedagógica, da direção e de todos os integrantes que compõem a escola, pois só assim, sentiram-se seguros perante a modificação da rotina que o ensino remoto emergencial trouxe.

O planejamento sistematizado buscou maximizar as oportunidades em propostas de aulas que envolvem e beneficiam a todos os estudantes. Existem princípios para o ensino colaborativo que permanecem viáveis para uma boa organização, sendo eles de acordo com o PPP:

- Respeito mútuo;
- Paridade;
- Objetivos compartilhados e específicos;
- Responsabilidade compartilhada;

São princípios que facilitam a construção de espaços saudáveis que permite ao docente atribuir um dinamismo e motivação à sua prática pedagógica e aprendizagens compartilhadas entre os docentes que contribui para o conhecimento coletivo.

Faz parte do trabalho colaborativo também, o conselho de classe. O conselho de classe é o órgão que sustenta a oportunidade de os docentes poderem em conjunto avaliar, e construir alternativas que efetivem o processo educacional.

Com esse trabalho em equipe, os desafios que chegarão até a instituição não serão prolongados e serão resolvidos com mais facilidade, salienta a coordenadora, pois todos estão envolvidos com um propósito.

A instituição que adota o comportamento de zelar pelo ambiente em que trabalha, tanto fisicamente quanto na organização, no respeito e comportamento de todos os envolvidos, o trabalho pedagógico torna-se mais acolhedor e será esse acolhimento que fará o estudante surdo se sentir parte da escola que frequenta, parte da sala de aula em que ele está inserido e incluso de forma significativa dentro da comunidade escolar, não levando em conta suas características particulares, mas sim o aprendizado.

Durante o ensino remoto, o conselho de classe continuava com sua dinâmica virtualmente e as avaliações basearam-se nas atividades realizadas pelo educando bem como na interação nas aulas por vídeos. Nessa escola, a avaliação das crianças surdas baseou-se nas atividades que elas faziam através da plataforma *jamboard* e atividades impressas que elas buscavam quinzenalmente na escola.

Com base nas observações e na pesquisa de campo, o ensino presencial possuía suas limitações organizacionais e estruturais na realização da educação de surdos. Promover uma educação unânime é mais complexo do que se possa imaginar, e no ensino presencial, era o que permanecia somente em documentos. No ensino remoto, foi possível notar que houve alterações nas estratégias de ensino e apesar das dificuldades e lacunas encontradas durante o período pandêmico, muitas crianças surdas tiveram e passaram por dificuldades para se adaptar ao modelo de ensino emergencial.

Penso, que a chegada da pandemia não trouxe somente desordem e confusão educacional, todavia trouxe também novos desafios e instigações que resultaram em pontos destacados como o avanço e o aprendizado tecnológico, a produção de materiais didáticos para surdos, a preocupação com o desenvolvimento de aulas direcionadas para surdos/ a inclusão nas aulas online e o aprendizado das crianças surdas. A COVID 19, apesar de ter dado uma parada em muitas áreas das nossas vidas trouxe à tona várias brechas que os profissionais não se atentavam ou não sabiam como dar início a um processo de reverter a situação. Diante disso, o ensino remoto trouxe novas oportunidades de se pensar em metodologias, atividades e recursos para as crianças surdas e as demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino das pessoas surdas ocorreu de início com o intuito de padronizar, para que eles pudessem ser considerados capazes de fazer ou receber algo, como um ouvinte. Os surdos, há séculos, lutam pelos seus direitos e por reconhecimento. Dainez e Smolka (2014, p. 5) ratificam uma vertente que Vygotsky aborda em seus trabalhos, e que neste trabalho é considerado importante, a teoria da compensação, que diz “[...] considerava que a perda de uma função perceptiva seria compensada naturalmente com o funcionamento de outros órgãos”. Ou seja, a surdez é vista como uma singularidade. Atualmente, com a perspectiva sociocultural que enxerga este estudante como um ser capaz e com uma singularidade viso-espacial, Buzar (2009, p. 45) discorre: “Dessa forma, fica evidente que a aceitação da surdez passa pelo fato de que os olhos e não os ouvidos são fontes de comunicação com esses sujeitos”, e partindo destes princípios, estratégias educacionais são feitas com objetivos de educá-los.

Com a implementação do ensino remoto emergencial, para o sujeito surdo, como foi visto no decorrer do trabalho ficou mais difícil, o uso de plataformas, aplicativos e dispositivos ficaram mais recorrentes, e conseqüentemente as dificuldades dos professores de saber mexer nas plataformas vieram. Durante o período pandêmico o ensino passou por adaptações para que as instituições pudessem continuar com as suas aulas.

Tempos difíceis vieram com a pandemia, onde a maioria das pessoas que se encontravam em isolamento social adoeceram o físico e o mental. Quanto ao ensino, não foi diferente, acarretaram déficits cognitivos nos estudantes. Os surdos tiveram dificuldades ao entender os conteúdos, cansavam com mais facilidade, muitas vezes não conseguiam realizar as atividades propostas que estavam com enunciado em português e não apresentavam interesse nas aulas. Os professores tiveram dificuldades em adaptar-se às novas plataformas, ao fazerem planejamento, ao buscar novos meios que os fizessem se sentirem confortáveis e que fizessem as crianças aprenderem. Novas metodologias foram criadas e tiveram êxito com as crianças surdas, as avaliações também passaram pelo processo de adaptação como meio de assegurar que todos aprendessem.

Quando a escola entende e trabalha com a perspectiva sociocultural a dinâmica de aula muda. Compreender que existem particularidades em cada sujeito é fundamental, e a instituição escolar se apropriando desse conceito tende a implementar novos métodos de ensino que valoriza e acolhe os seus estudantes.

Tornam-se inviáveis avaliações de cunho tradicionalistas e padronizados, pois entende-se que a educação deve consistir na equidade, ou seja, deve haver adaptações específicas. Com a análise da entrevista, pode-se notar que os efeitos que o ensino remoto causou na educação a desestruturação de todos, profissionais, estudantes e famílias, todos tiveram dificuldades para adaptar-se ao novo modelo de aula e de vida.

As mudanças e irregularidades passaram a ser frequentes e cansativas, a educação do sujeito surdo ficou defasada porque muitos não conseguiam participar das aulas como esperado e /ou não entendiam os comandos. Não ocorria interações, não havia interesse e para muitos estudantes isso foi recorrente, e para os surdos não foi diferente. Segundo a coordenadora da instituição, só foi possível proporcionar o ensino para os estudantes porque todos os envolvidos se empenharam, se envolveram e procederam em equipe. Como mencionado, a inserção da COVID-19 fez com que profissionais repensassem em suas metodologias, pensasse em maneiras de se sobressair e revigorar-se.

A geração atual, não tem tanta dificuldade para aprender a mexer nas plataformas e aplicativos, o que não pode-se dizer dos profissionais mais antigos das instituições, por isso, a formação continuada de professores tornou-se tão importante e teve um destaque maior devido a consistir em um aperfeiçoamento dos conhecimentos já adquiridos, o que fez com que durante o ensino remoto, o uso dos cursos fossem mais procurados e numerosos com objetivos unânimes de aprenderem a trabalhar com as plataformas online.

A aprimoração dos conhecimentos dos professores torna-se oportuna na criatividade, que possibilita a criação de materiais didáticos que favorecem e continuam a favorecer o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes surdos ou dos estudantes que fazem o uso da sala de recursos. A criação de materiais didáticos com a adaptação para o ensino remoto foi um avanço para muitos, pois a maioria das pessoas não sabiam que a tecnologia oferecia essa oportunidade. A ludicidade também se faz presente e é importante para a construção do conhecimento dos surdos, por ser utilizado fortalece e complementa a aprendizagem de maneira dinâmica e criativa potencializando o conhecimento.

Por fim, sabe-se que foram feitas adaptações constantes nas documentações e aplicações de aulas, e essas adaptações foram significativas para poder-se refletir sobre novas metodologias e estratégias de ensino. Nunca é demais aprimorar e desenvolver atividades lúdicas e interativas para os estudantes, e poder contar com essas ferramentas futuramente em um “pós pandemia” incluindo as mesmas nas atividades e conteúdos propostos podendo originar uma transformação na educação para os surdos.

PERSPECTIVAS FUTURAS PROFISSIONAIS

Tenho como objetivo principal trabalhar com a educação inclusiva, de preferência, em escolas públicas do Distrito Federal. Acredito em uma educação emancipadora e transformadora que além de transformar, acolhe. Anseio me capacitar diariamente a fim de conseguir ser uma profissional que acolhe, entende e auxilia os estudantes nas dificuldades educacionais especiais.

Futuramente, pretendo além de me tornar professora bilíngue, fazer uma pós-graduação em LIBRAS e trabalhar como intérprete em espaços que necessitam, como em hospitais, ONG's e eventos que abordem a cultura surda.

Sei que como professora enfrentarei muitas dificuldades, mas estou disposta a fazer o meu papel e como diz Hooks (2013, p. 25):

Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.

Com isso, pretendo e sei que conseguirei passar por todos os desafios que encontrarei durante a minha caminhada como professora, proporcionando uma prática pedagógica de qualidade e eficiência para meus alunos. Também, sei que irei continuar me esforçando, a fim de contribuir significativamente com a transformação da educação brasileira, a começar pelas crianças da minha comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Renata. A educação bilíngue para surdos no DF- ensino de língua portuguesa e o recurso foco-na-forma (FonF). **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades**, Brasília, DF, n. 6, p. 1130-1148, 2016.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS DEFICIENTES AUDITIVOS. **Apresentação**. Distrito Federal: APADA-DF, [2018]. Disponível em: <https://www.apadadf.org.br/pt-br/content/apada>. Acesso em: 6 maio 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Constituição Federal de 1998**. [Brasília, DF]: Portal Ministério da Educação, [1988]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BUZAR, Edeílce Aparecida Santos. **A singularidade visuo-espacial do sujeito surdo: implicações educacionais**. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. Concepções sobre avaliação escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.

DAINEZ, Débora; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. O conceito de compensação no diálogo de Vigotsky com Adler: desenvolvimento humano, educação e deficiência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1093-1108, 2014.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Carta de Serviços Processo de Inclusão**. Brasília, DF: SEE, 2018. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/proceso-de-inclusao/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em movimento da educação básica: ensino especial**. Brasília, DF: SEEDF, [2014a].

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em movimento da educação básica: ensino fundamental, anos iniciais**. Brasília, DF: SEEDF, [2014b].

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Cursos**. Distrito Federal: SEEDF, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/cursos/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Integração social do surdo. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, SP, n. 7, p. 13-22, 1986.

GÓES, M. C. R. Questões sobre sujeitos com deficiência e as contribuições de LS Vygotsky. **Jornal ABRAPÉE**, [s. l.], v. 5, n. 1/2, p. 2-3, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HONORA, Márcia. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2014.

KISHIMOTO, Morchida Tizuko (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

LAGE, Ricardo Kalil. **Ensino remoto intencional como método efetivo de aprendizagem**. [S. l.]: Jusbrasil, 2020. Disponível em: <https://ricardokalilage.jusbrasil.com.br/artigos/864108003/ensino-remoto-intencional-como-metodo-efetivo-de-aprendizagem>. Acesso em: 30 abr. 2022.

LOPES, Maura Corcini. O direito de aprender na escola de surdos. *In*: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (org.). **A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 27-46.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? **Revista Pátio**, Porto Alegre, Ano 3, n. 12, fev./abr. 2000.

MARTINS, Lira Matos. **O intérprete de língua de sinais que atua no contexto educacional**: a proposta do CAS-DF na formação continuada desse profissional. 2021. 150 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MELO, Raimunda Alves; FRANÇA-CARVALHO, Antonia Dalva. A produção de materiais didáticos para o desenvolvimento de atividades pedagógicas não presenciais durante a pandemia do coronavírus. **Epistemologia e Práxis Educativa-EPEduc**, Teresina, PI, v. 3, n. 3, set./dez. 2020.

OLIVEIRA, Luciana de; SILVA, Giovana Maria Di Domenico. **A importância da ludicidade nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas pedagógicas interdisciplinares e garantia de direitos) - Universidade do Oeste de Santa Catarina, Santa Catarina, 2016. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas-a-partir-de-2018/ciencias-humanas/especializacao-4/473-a-importancia-da-ludicidade-nos-anos-iniciais-do-ensino-fundamental/file>. Acesso em: 2 maio 2022.

PEREIRA, Larissa Evelin da Conceição; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. **Inclusão de crianças surdas dos anos iniciais do ensino fundamental**. [S. l.: s. n.], [201-].

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola Pesquisada**. [S. l.: s. n.], 19 de outubro de 2018.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RONDINI, Carina Alexandra *et al.* Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

THOMA, Adriana da Silva. Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo. *In*: LOPES, Maura Corcini (org.). **Cultura surda e libras**. Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS, 2012. p. 154-180.

VASCONCELOS, Ivete Loula. O desafio da acessibilidade de alunos surdo na perspectiva do ensino remoto. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 4., 2020, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora. 2020.

VILLAS BOAS, Benigna M. de F. Esmiuçando a avaliação formativa. *In*: VILLAS BOAS, Benigna M. de F. *et al* (org.). **Conversas sobre avaliação**. Campinas, SP: Papirus, 2019.

APÊNDICE A - ENTREVISTA



Universidade de Brasília-UNB
Faculdade de Educação- FE
Docente: Dra. Liège Gemelli Kuchenbecker.
Discente: Iriane Marques Fernandes

Entrevista:

1. A quanto tempo trabalha nesta instituição de ensino?
2. Quantos alunos surdos têm na instituição?
3. Quantas turmas possuem crianças surdas?
4. Os professores sabem LIBRAS?
5. As crianças surdas sabem LIBRAS?
6. Como tem se dado o ensino de crianças surdas no período pandêmico?
7. Teve alterações no ensino para essas crianças?
8. Ocorreram mudanças no Projeto Político Pedagógico da instituição?
9. Quais são os meios que a instituição buscou para que o ensino se concretizasse na pandemia?
10. No momento, quais são suas atuais dificuldades na educação de surdos com o retorno das aulas presenciais?
11. Como as famílias reagiram ao ensino remoto?
12. Os estudantes surdos possuem acompanhamento individualizado presencial ou online?



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS

AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu,,
CPF..... RG.....
professora da escola informo que estou ciente da pesquisa de
Trabalho Final de Curso (TFC)
:..... executada por
..... CPF.....RG.....
matricula..... aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia FE/UnB e orientada pela professora Dra.
Liège Gemelli Kuchenbecker.

Informamos que o seu nome bem como dos alunos e da escola permanecerão em sigilo, ou seja, não constarão no Trabalho Final de Curso.

A pesquisa realizada é de cunho qualitativo e se insere no Trabalho Final de Curso (TFC). A aluna da Pedagogia vem desenvolvendo estudos no campo da Educação Básica, que se iniciou e se desenvolveu durante o estágio obrigatório, no Projeto 4.1. Este trabalho é imprescindível para que a aluna possa finalizar os seus estudos e graduar em Pedagogia.

Autorizo que sejam apresentados e analisados os dados relacionados à entrevista realizada pela aluna. Informamos que esse TFC em sendo aprovado será disponibilizado eletronicamente.

Desde já agradecemos!

Assinatura da professora entrevistada

Aluna:

Matricula:

Professora Liège Gemelli Kuchenbecker

Faculdade de Educação/UnB

Matricula:

Brasília, ____ de _____ de 2022.